

a ordem e a loucura da ordem

a leitura deve ser ao mesmo tempo metódica e selvagem, descontínua e organizadora, ágil e insistente, repetida e outra. leitura em função de um método que atua por oposições, por rupturas de elementos, em função de um sistema rigoroso mas que inclui a sua própria abertura, a sua própria negação enquanto sistema. é claro que a tradição construtivista em que se insere sérgio camargo não é dos racionalistas, defensores de uma arte geométrica, de formas puras. nos seus trabalhos, há o sistema e o excesso, há a ordem e a loucura da ordem.

o método combinatório empregado — tanto os relevos como as esculturas são resultados da aplicação desse método — não seria, digamos, positivista, mas dialético. a obra não se apresenta à observação como unidade fechada para ser lida e compreendida num movimento linear de raciocínio. pelo contrário, sua força está precisamente na espécie de relacionamento complexa e tensa, racional e especular, que estabelece com o espectador. a obra é sempre e a cada momento outra. a inclusão da luz, mais do que isso, a participação radical da luz em sua composição — rigorosamente não-acidental, mas incontável, é claro — a torna diferente de acordo com as condições objetivas de observação e da posição do espectador. a penetração da luz, prevista pelo sistema, age de modo a rompê-lo, a romper a obra enquanto estrutura fechada em si mesma. fica impossibilitado assim o tradicional esquema de contemplação — homem parado diante da obra, é preciso contorná-la, observar com atenção os movimentos de luz, participar mentalmente desse jogo que se desenrola num espaço ativo e descontínuo. a fruição é tensa, truncada, incessante, com altos e baixos emocionais.

